

Encontro cada ano novo com gradual redução nos meses. O ano passado teve cinco meses, o atual ainda não forneceu algum número definitivo. O tempo circula pelas adjacências, preparando-me para novos conceitos, que se apresentarão como hóspedes sem convite.

A maldade é tóxica, contamina a ganância e alimenta a ignorância da turma dos números, dos protocolos de Adam Smith, repetidos incansavelmente. A maldade é insistente produtora de guerras, fomes, refúgios, invasões, bombardeios; e alimenta a ultra arrogância dos governantes e seus partidos.

Entre saudades esquecidas e inacabadas, encontrei algumas saudades cansadas. Propositadamente deixei-as de lado, decidido a evitar essas intrusas que tanto insistem, enfrentando com o tempo e a exaustão.

Reinvento leituras, suponho novas. Construo enredos, alinhavo e ordeno palavras com a paixão de protagonista, defino os sentires ali postos como meus, não há disfarce, entro na pele alheia, visto suas dores, seus impossíveis, seus jogos amorosos, seu passado e futuro. Carrego e cuido dos seus exílios, das migrações, dos acasos e das repetições, dos fardos, das fomes, da vida e da morte.

Afagos fugazes marcaram presença na minha pele sedenta de continuidade negada. Cruéis pressas anteciparam despedidas acompanhadas de desculpas, justificando meus desejos como “apenas ocasionais veleidades”, urgências melodramáticas. Diante da tua impossibilidade, um ânimo ingovernável, tenaz, me convida a estudar novas propostas.

Retomo as causas que valem a pena, esgotei minha quota de indignações mal gastadas, como se fossem peças de adorno. Penso por onde começar minha cruzada, cato a motivação, parece que ela sumiu por falta de metas, de companhia, principalmente pela consciência de que era inútil lutar. Minhas causas fora de moda caminhavam na contramão da urgência e meus escritos na oposição de leitores.

Despertado com o corpo animado, despedi o sono de ontem prometendo fazer o adiado. Mal consigo segurar o equilíbrio, levo dentro toda uma contrariedade crônica movida pela memória que rechaça o embate, a luta, o desafio. Quisera que a animação encontrasse um compromisso com o dia sem recaídas, começar sozinho, planos novos, ações espontâneas, recém-paridas, a mão encontrando um gentil gesto de tua autoria, o lado bárbaro aquietado, um cálido e sutil encontro com o sol da manhã e teu sorriso garantindo um lugar no paraíso.

Entre memórias vivas e memórias mortas me visitam resquícios sentimentais, rostos familiares e outros inomináveis, algo do que fui, sorrisos sinceros, algumas injustas acusações, vários presságios equivocados, encantos soltos e desavisados apetites dispostos ao alcance da minha reiterada saudade.

Não posso negar que a nostalgia impregna meu cotidiano, invade meus sonhos e as minhas metas, faz gato-e-sapato do meu tempo e desestabiliza meus espaços, repete sons e sabores distanciando-me do hoje, jogando-me nos pátios entre brinquedos e vozes familiares alimentando minha sobrevivência congelada no tempo da minha infância.

Muitos anos mais, com a alma intacta, a aventura guardada segue para a ocasião, o entardecer mantido tinto como o vinho, fileiras de azeitonas enfeitando nossas bocas cansadas de beijar e dizer te amo. Encontrar tuas costas disponíveis para uma carícia brincalhona que se anunciava como o amor seguinte. Nos encontraremos, por tudo isto, nos encontraremos.

Primeiro a perda, depois a dor, depois a saudade, depois o imaginário, depois o sonho, depois a realidade que tudo desfaz, sequestrando afetos difíceis de conservar.

Alimentada para odiar aos homens, desencarnando sua matriz feminina, orgulhosamente vociferava seu rechaço com um corpo desanimado de conviver com a diferença, encantada pelo espelhismo amava com radicais certezas tudo aquilo que eliminasse qualquer valor presente no ser masculino.

Pelo bem que me fez passar a limpo o que vivi, tive que voltar, alcançar o passado reunido em assoalhos, tetos, na fase da espera, na era da conquista, no fio da conversa, na face ofendida, na dor omitida, no monólogo calado, no corpo desengonçado, na árvore de natal, no bolo de aniversário, na ilusão, na generosidade, na inocência, na falta da mãe e do pai, no butiá, na chapa do fogão a lenha.

As liberdades perdidas na infância são as maiores perdas: as de um mundo espontâneo de contrapartidas respondidas, alimentado pelo instante, com a fragilidade protegida.

Teu olhar contornou o meu como se eu fosse um desconhecido, como se nada evocasse além da indiferença que acolhi. Li e reli seus gestos. Disfarçando intenções guardadas, fiquei com uma sensação incômoda de quem te penetrou os segredos. Encontrei sinais de tentações em desuso.

Abandono meu dia sem falar com ninguém, voltarei quando recupere o fôlego e ganhe uma tolerância nunca antes alcançada.

Surtos da fantasia remetem meus sonhos a uma fabulosa e desconhecida região. Quase-esconderijo é um lugar de atos inofensivos, abolidos da realidade intolerável, recatados da mentira inofensiva, da vergonha mascarada, do disfarce brincando de se esconder na sombra, sem testemunhas à espreita.

À tarde me concilio com o que penso pela manhã; a noite desarruma todo dia, a improvisada serenidade, a paz sem rastros. Antes do silêncio, mil palavras ausentes de sentido, inúteis, afastando a inovação e fazendo sumir a ousadia diariamente experimentada.

Exilei-me na minha vasta idade, na leitura assombrada, na impenetrável intimidade, na mudança de rumo e na descoberta dos vestígios que deixei fora do tempo.

Esgotada por devaneios, acuada por um silêncio cúmplice, repetia um hábito antigo, escondida nos próprios sonhos, detrás duma máscara, fingindo serem realidades. Calada entre ordeiras desilusões e eternos vazios, seguiu arrastando antigas tristezas.

Cansado do presente, acumulo coragem para sair com dores vivas, com paixões memorizadas, durmo e acordo com sonhos de liberdade misturados à noite, fingindo viver ao dia. Medo e vida parecem à mesma coisa. Nesse estado lamentável, conheço um mundo que toda a noite me espera. Eu não queria ter vindo para este lugar que sei de onde sai e para onde irá.

Há aqueles que negam e padecem a falta de um dom, de sentir que a vida não é uma fatalidade para ser arrastada pela intrusão das técnicas, pelo desumanizado ato que, valida o descuido, tornando inútil a atração que a cooperação insiste em aproximar.

Uma indecisa mescla que aparece e desaparece sem deixar vestígios. Disfarça-se, sempre pré singular, copia, repete, desconhece originalidades. Oscila entre o pouco e o nada.

Hóspede da tua candura, fiz bom acolhimento ao afeto oferecido. Afeiçoado com a honraria, deixei de dizer-te tudo o que pretendia. Enredado nos laços que o amor confia, estreitei-me em silêncio contra teu peito, lamentando a despedida.

Seu cérebro de ferro, de ferro suas emoções, sua visão de ferro, de ferro suas ações. Endurecido por todas as partes, seu corpo envolvido em férreas ordens, alimenta coisas estranhas, como acreditar ser de uma casta.

Eles voltam, eles sempre voltam. Os idiotas disfarçados de saber não passam de sabichões que discursam com a empáfia de doutores, roubando o discurso alheio. Sua principal tarefa sempre será defender seus interesses, disfarçando a ilusão de que cumprem uma cidadania extensiva ao próximo. Não apresentam nenhum indício de inocência.

Poderei edificar algo que substitua o visceral? Minha sensibilidade aceitará ser conduzida para conhecer uma realidade que lhe escapa? Acatarei o novo, respeitarei o desconhecido? Vigiarei o dano e o danoso, limitarei a ilusão e a ameaça perturbadora da minha paz? Testemunharei os horrores calados, ou aprenderei novas indignações?

Uma engenhosa camuflagem esconde intenções definitivamente contrárias à paz e ao convívio harmonioso entre os humanos que, afastados, estão perdendo intimidades e vínculos, limitando encontros eficazes. As máquinas estão ocupando tempo e espaço, criando dependências, escravizando interesses, desviando olhares e invadindo horizontes. A vontade de domínio, a manipulação ordenadora, o confisco do tempo livre atrai o relacionamento com as máquinas, que obedecem à nossa intenção de uso, pelo menos enquanto não adquirem vida própria.

Novos ares andam sobre os mares, voam sem asas, escalam serras e cavernas. Atrevidos, vêm e vão com pressa de chegar, dar fé aos seus testemunhos.

Desejosos de pôr-se a salvo, abriam caminhos que sempre chegavam ao mesmo lugar. Reiteradas tentativas cansaram suas esperanças. E todavia, não buscavam luxo, ouro

e outras ganâncias; só necessitavam do sereno mundo com água, ar, terra, um lugar para viver.

Hesitantes, os anjos sem sexo, por falta de orientação, gastam suas vidas intrigados com a identidade dúbia. Abrem questão buscando nas asas a decifração. Perdem-se em conjeturas, nutrem suspeitas, formulam hipóteses perdidas.

Perdura a validade dos sonhos, ainda que a vida os convoque à dispersão mantêm-se regulares no cumprimento das parcerias. Dormem e acordam de mãos dadas, lado a lado, como infindáveis escudeiros.

Ficou marcada no teclado a reiteração das letras que se cruzaram uma infinidade de vezes, aderindo-se para formar as palavras de agradecimento para com todos aqueles que direta ou indiretamente me rodearam admirando ou tolerando, abrindo portas e ofertando generosos contatos.

Habito um borde onde me refúgio dos espaços invadidos, um destino não escolhido resultado de uma vida sem alternativas, sem narrativas, tantas omissões, repatriações negadas, portas fechadas.

Relaciono-me de maneira indissolúvel com o tempo e o espaço que são sombra e caminho, agem como um campo de forças que implica confinamento e desamparo, sem essência e sem resumo, deixando-me à intempérie.

Os vestígios de atos humanos domesticados manifestam a perda do essencial, a identidade suspensa, as violências ocultadas, o invasor disfarçado de descobridor.

Um espectro desorienta o que alcanço escrever. Planta dúvidas entre o que acredito ser real e a imaginação.

Aquele de antes de tornar-se uma mercadoria mata um pedaço de si mesmo, se oferece como um insensato, promete cumprir todas as ordens. Acostuma-se aos restos e às mentiras, perde o rumo e as chaves. Abandona seu passado soma-se indiferente aos objetos que o cercam, entrega-se a rendimentos de baixa estima e nula qualidade tolerando-se residual.

Sinto-me atraído a nadar no teu oceano, solicito permissão para levar a postos minhas debilidades, que circulam com encantamento ativado. Velo por encontrar em ti um lugar que me permita pouca margem para controvérsias, ficções e outros artifícios que arruínam a minha realidade.

Não ter nenhum pensamento, uma resposta que tanto quero me aproxima da ausência de qualquer indicador. Sussurro minha solitária ignorância produzindo humildades e novas vontades, desprendidas das urgências e das onipotências.

Insisto em habitar da melhor maneira a atualidade que me coube viver, sem grandes modificações, faço eco das minhas necessidades de tentar manter meu estilo, minhas convicções, minhas certezas como as bases que me permitem sentar e dialogar inserido em um território cada vez mais colonizado e diluído no incessante caminho que tenta me tornar objeto.

Falta-me predisposição para aceitar o jogo que me aliena da minha prezada identidade. Circulo entre restrições que anulam e põem em dúvida minha narrativa, exaltam critérios superficiais para justificar o fracasso que ronda minhas pretensões de ser lido. Falam das origens, da eficácia das imagens, das vantagens de substituir os livros, os textos, todos condenados ao esquecimento sem reconhecimento, sem circulação, como se fossem coisa de velhos.

Dos meus antepassados reergo todo o bom e necessário compromisso de manter as pedras vivas, as areias transitórias e o vento transportador.